



**A HISTÓRIA DE UMA LIDERANÇA NAS MEMÓRIAS DE ANDILA KAINGÁNG**  
**THE STORY OF A LEADERSHIP IN THE MEMORIES OF ANDILA KAINGÁNG**

**Susana Andréa Inácio Belfort<sup>1</sup>**  
**Andila Kaingáng<sup>2</sup>**

*Onde você se esconde?*

*Onde você se esconde, mulher Kaingáng?*

*Tão bela entre os gentios*

*Que nossa própria nação não enxerga;*

*Olhos tapados pela dor das derrotas!*

*És beleza nascida ao descaso*

*De nossa história e de nosso passado.*

*Mas assim mesmo Tope te deu de presente a teu povo.*

*O nosso mais belo presente.*

*Em tuas mãos, trouxeste a chave de uma prisão,*

*Sem cordas, ferrões ou grilhões.*

*Não se esconda, minha bela...*

*Nossa pele tem a mesma cor, nosso sangue o mesmo valor!*

*Nós, considerados povos sofridos e embrutecidos e feios...*

*Mostra a eles, minha bela,*

*O tamanho da nossa educação,*

*O tamanho da nossa beleza, concentrada num só rosto;*

*No teu rosto queimado de sol!*

*Pois somos muitos*

*E somos diferentes, minha bela!*

*Temos outro coração, outro peito e outro rosto...*

*Nosso rosto no teu rosto;*

*Lembra disso hoje e sempre!*

*E então continua sorrindo*

*Teu sorriso branco e largo, pois a beleza que tu carregas*

*Mostra a beleza da tua luta de mulheres e homens*

*Belos em suas diferenças!*

**Vângri Kaingáng<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Educadora, escritora, ativista em direitos humanos, liderança indígena reconhecida no movimento indígena por sua luta em prol da educação escolar do povo Kaingáng desde seus 17 anos. Andila Nĩvygsãnh (seu nome Kaingáng) integrou a primeira turma de Professores Bilíngues no Brasil e cursou Licenciatura no 3º Grau Indígena da UNEMAT. É servidora pública aposentada da FUNAI. Foi Presidente da Associação dos Professores Bilíngues Kaingáng e Guaraní (APBKG). É Presidente da Organização Indígena Instituto Kaingáng - INKA e Coordenadora do Ponto de Cultura Kanhgág Jãre, primeiro Ponto de Cultura sediado em Terra Indígena no Brasil.

<sup>3</sup> KAINGÁNG, 2009

Mestre da cultura Kaingáng, educadora, contadora de histórias, escritora... Andila<sup>4</sup> demonstra notável afinidade com a arte Kaingáng, especialmente com a tecelagem<sup>5</sup>, técnica que possibilita a confecção de telas e peças de vestuário nas quais reproduz as marcas Kaingáng, kamê e kanhru.

Tradicionalmente os Kaingáng produzem sua tecelagem com fibras naturais de urtiga brava trançadas. Na perspectiva de revitalizar a tradição Kaingáng, Andila realiza a tecelagem em tear de pregos com uso de barbantes (bem coloridos que remetem as cores e padrões usados na confecção da cestaria Kaingáng), nos quais reproduz trançados estampados com os grafismos ou marcas (rá) que tradicionalmente integram o patrimônio imaterial Kaingáng. Os trançados remetem a identidade Kaingáng de quem os produz e ao seu pertencimento. Andila pertence a metade kamê, metade Kaingáng da qual fazem parte os guerreiros Kaingáng, representada pelo grafismo ou marca aberta, rá téj. A outra metade é representada pelo grafismo ou marca fechada, rá ror.

#### **Andila Kaingáng faz sua marca *Kamê* em tecelagem**



Fonte: Acervo pessoal Andila/2019

<sup>4</sup> Andila Kaingáng, também conhecida por Andila Nĩvygsãnh, sendo Nĩvygsãnh seu nome Kaingáng (nome próprio), como também por Juraci, apelido pelo qual se tornou conhecida durante o curso de formação dos monitores bilíngues no Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão – CTPCC, promovido na década de 1970, na Terra Indígena Guarita.

<sup>5</sup> Nos últimos anos também tem se dedicado à arte de confecção da cerâmica Kaingáng.

Na tecelagem é possível observar Andila reproduzindo o grafismo *rá téj* (aberto), onde fios de cores vibrantes vão compondo o trançado de sua marca *kamê*. Os fios vão sendo tecidos pela habilidade da artesã e formando trançados que traduzem sua identidade Kaingáng. É uma *kamê* encantada com os grafismos *kanhru* (sua metade complementar), basta ver o xale com o qual está adornada!

O trançado da história de vida de Andila Kaingáng faz parte da pesquisa no Doutorado em Educação de Susana, que se encontra em andamento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS sob o título: “A trajetória da liberdade: história de vida da guerreira Andila Kaingáng”(BELFORT, 2023) cujas tramas se entrelaçam a partir de suas próprias narrativas, repletas de memórias e vivências que marcam e atravessam sua trajetória de vida na educação escolar indígena (com os professores Kaingáng, na APBKG – Associação dos Professores Bilíngues Kaingang e Guarani, Escola Kaingáng, legislação sobre educação escolar indígena), como também nas frentes de retomadas de terras, na criação e atuação na Organização Indígena Instituto Kaingáng – INKA e Ponto de Cultura *Kanhgág Jãre* ( relações que estabelece entre educação e cultura, tradição Kaingáng, interculturalidade e Lei 11.645/2008).

No transcorrer da pesquisa em que acontecem nossas conversas, Andila Kaingáng tece suas primeiras narrativas em 2019 na Terra Indígena Serrinha, a partir das quais confeccionamos as tramas iniciais de sua história de vida, em que começa falando um pouco de si, mas sobretudo do pai, o Cacique Manoel Inácio: inspiração de vida, de luta e resistência e referencial de liderança Kaingáng.

Antes porém, de destacar narrativas e memórias de Andila Kaingáng sobre o seu pai Manoel Inácio, gostaria de brevemente mencionar aspectos do seu contexto familiar.

Andila nasceu na Reserva Indígena Carreteiro, atual município da Água Santa/RS, em 02 de novembro de 1954. A Reserva Indígena Carreteiro, terra natal de sua mãe Joana Caetano Inácio, era onde residiam naquele momento. Na época a Reserva Indígena Carreteiro pertencia ao município de Tapejara, fazendo parte do município de Água Santa somente após sua emancipação em 1987. Foi demarcada pela Comissão de Terras de Passo Fundo ainda em 1911 com uma abrangência menor que atual. Por força da Constituição Federal de 1988 passa por novo processo de demarcação no decorrer da década de 90 e, em conformidade com a nova legislação que regulamenta a demarcação de territórios indígenas, em 27 de março de 1991<sup>6</sup> é

---

<sup>6</sup> INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2021

homologada com o território de 614,04 hectares, tornando-se conhecida como Terra Indígena Carreteiro. Se encontra localizada à 2 km da sede do município.

Andila faz parte de uma família numerosa composta por treze irmãos, dez mulheres e três homens, por ordem nascimento: Fermina, Domingos, Iraci, Augusta, Antônia, Arcelinda, Alzira, Dorival, Odila, Andila, Ângela, Darcílio e Azelinda.

Os treze irmãos resultaram de três casamentos do meu avô Cacique Manoel Inácio que foi casado com três mulheres, sendo minha avó, Joana Caetano Inácio a terceira esposa com a qual teve os últimos oito filhos, a qual com muita dedicação criou todos os filhos. Os Kaingãng não fazem distinção entre os filhos concebidos nos casamentos diferentes, sendo todos criados da mesma maneira.

Lembra minha mãe, que, quando meu avô conheceu minha avó, ele já era casado com sua segunda esposa e residia em Serrinha e que ele, ao conhecer minha avó Joana foi viver com ela no Carreteiro, levando consigo seus filhos: dois do primeiro casamento e dois do segundo casamento. Não sabia meu avô, que a esposa que deixara em Serrinha se encontrava grávida. Assim, anos depois, meu avô acompanhado da minha avó, retornaram a Serrinha para levar consigo mais esta criança.

Até casar com Manoel Inácio, Joana não tinha filhos e era viúva. Minha avó Joana me contou que quando era mocinha fora casada com um homem bem mais velho que ela, em um casamento arranjado pela liderança de Carreteiro (sob o argumento de que ela era uma “*mé tũ fi*”<sup>7</sup>) e deste relacionamento chegou a engravidar e ter um filho, o qual no entanto viera falecer.

Ao iniciar as narrativas sobre sua vida, Andila comenta que não pode deixar de falar de seu pai, pois o vínculo com ele sempre foi muito forte. Além do respeito, suas falas demonstram a admiração pelo homem que sempre referenciou como uma grande liderança.

**Andila:** Ele foi a fonte de saberes que norteou a minha vida. Me ensinou a importância de saber ouvir, cultivar a humildade, a persistência e a coragem que herdei da sua metade guerreira (Kamẽ) a qual meu pai pertencia, e aprender com os mais velhos a sabedoria milenar do nosso Povo, valores que marcaram profundamente a minha trajetória de vida.

---

<sup>7</sup> “Mé tũ fi” em Kaingãng literalmente significa “mulher sem marido”, ou seja, a mulher que não é casada. Porém, a expressão para os Kaingãng tem a conotação de “mulher de vida fácil”. Minha mãe Andila fala que minha avó era uma mulher bonita, fato que certamente despertava interesse nos homens e ameaçava casamentos. A fim de evitar esta situação, a liderança arranjou um marido para ela, casando-a com um homem bem mais velho.

Ao trazer à memória o pai Manoel Inácio, Andila, em nossas conversas, o faz destacando questões importantes sobre a pessoa dele: como aprendeu ler sem frequentar escola, seu papel como liderança e a suas relações com a comunidade indígena durante sua liderança:

**Andila:** Meu pai era autodidata, tinha uma biblioteca em casa e boa parte do seu tempo era dedicado a leitura, se expressava muito bem, tanto em kaingáng como também em português. Descobri ainda muito jovem que um dos segredos mais importantes do aprendizado e formação de uma pessoa estava no hábito de ler bons livros.

Certa vez confidenciou-me, quando eu devia ter uns 06 anos de idade, que fora apenas alguns dias na escola, ele e um primo, depois não foram mais. Mas o sonho de aprender a ler e escrever continuou mais vivo do que nunca, pois sentiam a necessidade de adentrar aquele mundo desconhecido por eles e a disposição do homem branco, a escrita. Uma limitação que os diminuía, e os deixava em posição de desvantagem frente aos dois mundos que começaram a conviver. O mundo indígena, que ele conhecia muito bem, e o mundo dos *fóg* (não indígenas), onde as maiores guerras eram travadas no papel. Motivo pelo qual desejava ardentemente se apropriar da arma contra a qual não sabiam se defender, se não, desvendando o segredo daqueles sinais que falavam no papel, de maneira que pudéssemos fazê-los falar a nosso favor quando precisássemos.

Mais tarde, os dois, meu pai e seu primo, com a ajuda um do outro aprenderam a ler, pela cartilha que tinham guardado de lembrança em casa dos poucos dias de estudantes e pelas poucas anotações que fizeram das aulas que assistiram.

Hoje eu avalio que o fato de ser um índio que sabia ler e escrever naquela época por volta dos anos de 1930, provavelmente deve ter chamado a atenção dos responsáveis pela questão indígena daquele tempo e ajudado muito para ser escolhido a assumir os cargos que ele assumiu junto ao Governo do Estado do RS., como servidor Público Estadual.

Foi cacique da nossa aldeia por aproximadamente 30 anos, entre os anos de 1930 a 1965 e foi também o primeiro índio a se tornar Encarregado Oficial pela Reserva indígena de Carreteiro, como Servidor público vinculado ao Estado.

Mais tarde, com o Governo Federal assumindo a responsabilidade pela assistência as Populações Indígenas do Brasil deram o nome de Chefe de Posto, para a pessoa responsável por uma Aldeia Indígena e Encarregado, na época do Estado.

Meu pai foi o último líder, cacique que conduziu seu povo conforme manda a tradição e a cultura Kaingáng, e que tive a felicidade de conhecer. Eu acredito nisso, por que vivenciei

grande parte do seu trabalho e pude ver a maneira como tratava cada pessoa da aldeia, cada família e sua preocupação com o bem estar de todos na aldeia, como se fizessem parte da sua família.

Meu pai, tratava sim a nossa aldeia como uma grande família, pela qual ele era responsável, não apenas por algumas coisas, mas, pela produção de alimentos na coletividade, pela saúde de todos, pela educação das crianças o lazer para toda a comunidade, enfim, com tudo que envolvia o bem estar da comunidade.

Tinha uma necessidade enorme de aprender com os brancos técnicas de plantio de alimentos além das técnicas que já conhecia dos Kaingãng (incentivava sua comunidade a plantar arroz, mandioca, trigo, milho... gostava de fazer milho fermentado ou milho azedo, em Kaingãng chamado “*gār kãhu*” ou “*tótê*”) e de criação de animais, tais como, gado, porcos, galinha, patos, ovelhas e cabras, então, ensinava para os outros membros da comunidade a sobreviver produzindo o seu próprio sustento, não queria que os membros da nossa aldeia fossem dependentes do governo em hipótese alguma.

Alegava que era vergonhoso receber comida do governo, acho que ele percebia a direção que a Política Indigenista se encaminhava.

O descaso do governo com a situação de miséria dos povos indígenas, a Política Indigenista Brasileira era a maior prova disso, pois esperava a cada dia o nosso desaparecimento enquanto povo. Previram até um tempo determinado para que o projeto de extinção dos Povos Indígenas do Brasil se concretizasse.

Estávamos com os nossos dias contados. Esta realidade certamente era a força que movia aquele homem que não media esforços para tornar aquelas famílias independentes das migalhas do governo brasileiro. Achava naquela época que os filhos dos índios precisavam estudar e se preparar para competir no mercado de trabalho como qualquer outro cidadão.

Não obstante o Estado ter construído uma escola dentro da nossa aldeia, ajudou na construção de uma escola em Água Santa, distante poucos km da aldeia.

Como a nossa escola trabalhava somente as séries iniciais ele previa que as crianças da comunidade indígena dariam prosseguimento aos seus estudos em Água Santa. Então ajudou com produtos das lavouras coletivas que desenvolviam de maneira que não fossem vistos de forma diferente dos filhos dos colonos que ajudaram a construir aquela escola, mas que fosse também nossa, não de favor mas por direito. Passados muitos anos eu fiz ali até a quinta série do primeiro grau, e dali para a frente muitas outras crianças indígenas fizeram ali a sua formação.

Foi um líder que conquistou o respeito do seu povo e o reconhecimento dos não indígenas moradores da região, inclusive da Vila de Água Santa, hoje município de Água Santa.

Se perguntar hoje naquela região para as pessoas com mais de 60 anos, quem foi Manoel Inácio, certamente saberá de quem se está falando. O líder que soube conduzir seu povo entre dois mundos distintos, a ganância e a força do usurpador de suas terras e de outro lado a fragilidade o abandono e o descaso do governo brasileiro pela questão indígena.

Eu tenho certeza que ele deve ter escolhido o caminho menos doloroso para o seu povo, como andar o mais rápido possível com as próprias pernas.

Existem coisas que acompanhei há quase meio século e que parece que os anos não passaram, como se fosse hoje, ontem e outras, que por mais que eu me esforce, não consigo me lembrar mais.

As conversas com Andila recuperam memórias não somente de uma grande liderança, mas, de todo seu povo. Seu pai em sua imensa sabedoria, soube conduzir seu povo, herança que Andila carrega em sua trajetória de lutas.

#### Referências:

BELFORT, Susana Andréa Inácio. A trajetória da liberdade: história de vida da guerreira Andila Kaingãng. (TESE). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023 (Em andamento)

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terra Indígena Carreteiro. Área habitada por Kaingang. In: Terras Indígenas no Brasil, 2021 Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3644#direitos>. Acesso em janeiro de 2021

KAINGANG, Vângri Luciana. Onde você se esconde? In: MUNDURUKU, Daniel; WAPICHANA, Cristino. Antologia Indígena. Cuiabá: Flimt/SEC, Inbrapi, 2009